



## A ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE SARGENTOS - ELEMENTO CATALISADOR DA VONTADE COLECTIVA -

Sem necessidade de nos colocarmos muito para trás no tempo, facilmente nos apercebemos de indícios de espírito associativo, ao nível dos sargentos, nos anos subsequentes ao 25 de Abril de 74.

Com efeito, a então classe de sargentos, desde há muito vinha sentindo a necessidade de uma afirmação sócio-profissional, que ao longo dos anos lhe vinha sendo surdamente negada, logo perceptível pelo simples facto de não estarem os sargentos abrangidos por qualquer estatuto, condição apenas reconhecida aos oficiais, e terem um vínculo apenas contratual e não permanente com as Forças Armadas. Aquilo a que se poderia chamar a carreira de sargentos, era então regulamentada por uma diversidade e multiplicidade de normas reguladoras, que só muito dificilmente se poderiam considerar como passíveis de defender e dignificar a condição de militares graduados, que por outro lado, sempre deram provas de profissionalismo, dedicação e elevado sentido de missão, pese embora a insipiente formação académica que lhes era comum.

Foi pois todo este acumular de razões e também o despertar de consciências, provocado pelo curso dos acontecimentos no pós 25 de Abril, que empurrou inevitavelmente os sargentos, primeiro para uma Comissão pró-Estatuto, depois para uma Comissão Instaladora daquilo que viria a ser a sua associação e depois, inevitavelmente, para a sua legalização como - Associação Nacional de Sargentos (ANS). Foi em Junho de 1989 e já lá vão quase 14 anos, que em muito ultrapassaram já os poucos meses de vida que muitos nos vaticinaram, na altura, como tempo limite para o desmoronar do nosso sonho, feito realidade!

Hoje, já no Século XXI, temos de reconhecer que o percurso, embora difícil e nem sempre linear, transportou-nos finalmente para uma realidade bem diversa daquilo que seria de esperar, com tão poucos anos de vida e o sentimento de missão cumprida é tanto mais compensador, quão difícil foi a tarefa de nos fazermos aceitar e respeitar, até chegarmos ao nível de implantação e reconhecimento institucional de que hoje merecidamente gozamos e que nos motiva para almejarmos chegar cada vez mais longe.

A justificação da ANS, como associação representativa dos sargentos dos três ramos das Forças Armadas, tem-se vindo a reforçar ano após ano e o seu reconhecimento, nomeadamente após a publicação da Lei Orgânica 03/2000, que consagra o direito dos militares ao associativismo sócio-profissional, tem vindo a constituir-se como exemplo de respeito e credibilidade, nunca antes alcançados pela categoria de sargentos, ao nível das mais altas e prestigiadas instituições, quer do Estado, quer da chamada sociedade civil, onde cada vez mais afirmamos a nossa condição de *cidadãos em uniforme*, condição que nos granjeia um lugar de prestígio, mesmo anível internacional.



Com efeito, a par duma inegável implantação a nível nacional, com destaque para o grau de representatividade que hoje já conseguimos, com um nível crescente de sócios a aderir ao projecto ANS, e uma consciência cada vez mais efectiva da necessidade de nos reforçarmos como parceiros sociais, nas áreas que, obviamente, não colidam com o normal e ... desempenho da função estritamente militar e operacional, também a nível internacional, no espaço político, geográfico e social Europeu, vimos ganhando uma cada vez maior presença e respeito, que advém do nosso real empenhamento na participação activa do projecto EUROMIL - Organização Europeia das Associações Militares - que nos coloca numa posição evidenciada e sustentada no seio do debate das preocupações sociais dos militares europeus, facto consubstanciado na presença que a ANS já teve, na pessoa de um seu membro, na própria Direcção da EUROMIL e que hoje continua a afirmar-se, sob a alternativa dum Convénio de Associações de Portugal e Espanha, que conjuntamente patrocinam a presença do Presidente da AOFA, como continuidade portuguesa no órgão dirigente daquela organização. São soluções de cooperação e empenhamento que, dividindo despesas e sacrifícios inerentes a este tipo de actividades, nos ajudam todos, no âmbito do movimento associativo militar, a ultrapassar diferenças e mesmo antagonismos, que nos ajudam todos a reforçar o objectivo comum, que tem essencialmente a ver com a defesa dos interesses dos militares, no seio duma sociedade cada vez mais difícil de exprimir uma verdadeira preocupação social com os seus cidadãos, face ao peso às vezes incomportável duma máquina económico-financeira que tem tendência a esmagar os anseios e direitos dos seus membros.

A ANS representa hoje em dia uma componente essencial e inovadora no triângulo formado pela tutela, as chefias e o pessoal, permitindo um fluxo de informação e sensibilidades que consideramos basilares num relacionamento que cada vez mais deve assentar no consenso do que na eficácia musculada de poderes discricionários e autistas. Mecanismos como a consulta, o diálogo e mesmo a negociação, ao invés de enfraquecerem a instituição, como pensam ainda alguns mentores da disciplina imposta e inexpugnável, contribuem, duma forma sã e apaziguadora para a busca de soluções que sirvam as pessoas, no respeito pela instituição, sem que isso ponha em causa a coesão, a disciplina e o desempenho da missão.

Compete às associações, e a ANS esforça-se por dar corpo a este requisito, reforçar a componente social, cultural e de formação cívica que deve acompanhar sempre as exigências operacionais e de treino, do militar, *cidadão em uniforme*, contribuindo para o equilíbrio desejável entre a dureza da condição militar e o direito a uma carreira gratificante e uma realização pessoal, factores indissociáveis da consistência e sustentação da própria instituição que se quer coesa e determinada nos seus objectivos maiores.

Estas são considerações que devem ser encaradas sob a perspectiva dos princípios e dos objectivos que nos propomos alcançar. Não são obrigatoriamente o retrato da realidade com que nos confrontamos, sendo que muitos deles, os princípios, ainda não foram interiorizados por todos os intervenientes neste processo. Também as condições adversas no plano económico e uma certa instabilidade política ao nível dos diversos programas e práticas



de governo adoptadas até aqui pelos executivos, aliadas a uma visão, muitas vezes distorcida, da realidade das nossas condições de vida e da nossa dupla condição de militares e cidadãos, com direitos e deveres, mas também com anseios e projectos que fazem parte do sonho a que todos temos direito, fazem da acção constante das associações, uma necessidade e um imperativo que não permitem adormecer sobre os louros hipoteticamente alcançados ou sobre as contrariedades inevitáveis, num processo de permanente confronto com interesses diversos e diversas leituras da sociedade e muito especificamente da realidade militar, com toda a carga peculiar e tradicional que normalmente lhe está adjacente.

É por isso que uma minuciosa avaliação da situação que se nos apresenta em cada momento é a chave para o mais profícuo plano de acção, como resposta aos desafios e dificuldades que nos são postos. A análise cuidadosa e o mais imparcial possível ás razões que levam a que uma progressão nas carreiras, que deveria ser pacífica e construtiva, se deturpe e deteriore, a tal ponto que permite a permanência nos mesmo postos, duma forma frustrante e desmotivadora, a militares que mantêm e reforçam todas as condições que normalmente lhes permitiriam uma progressão equilibrada, obriga-nos a prestar especial atenção a esta matéria.

Assim, a razão para que este ano dedicássemos uma especial atenção à questão das carreiras, enquadrando este tema num mote comum a todas as nossas acções - Formar, Cumprir, Progredir - que nos permitirá diagnosticar as causas e avançar com os cuidados de saúde possíveis que se impõem nestas condições. Todos não somos demais para procurar encontrar soluções e estudar alternativas, com a humildade exigível de quem não tem os instrumentos cirúrgicos imprescindíveis, nem varinhas mágicas que nos aliviem de escolhos e dificuldades. Está pois erguido o desafio para que todos se unam em torno desta realidade e se disponibilizem para a dissecar e transformar. Não é inevitável sermos infelizes ou perdedores, derrotados ou incapazes. A alternativa é lutarmos, porque quem luta, pode não ganhar, mas quem não luta, já perdeu! E muito para além do lugar comum desta citação, persiste a coerência que lhe empresta veracidade.

Qualquer associação, e a ANS não é excepção, não se resume aos seus dirigentes ou a qualquer outro grupo de apoiantes, que cientificamente alcancem a solução de todos os problemas. A ANS é o conjunto de todos os seus sócios e mesmo mais, o universo de todos os sargentos das Forças Armadas que, duma forma ou doutra, se identifiquem com este diagnóstico, independentemente do tratamento a adoptar. É por isso que a solução reside em nós todos e na nossa determinação em lutarmos por uma causa em que acreditemos.

Vamos acreditar no futuro! Formar, Cumprir, Progredir, é preciso!...

Lisboa, 30 de Abril de 2003  
A Direcção